



POLÍTICAS DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA ENTRE JOVENS TORCEDORES DE FUTEBOL: UM CAMINHO POSSÍVEL?¹

Anelise Lopes Rodrigues
Jorge Castellá Sarriera

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir – a partir da perspectiva da psicologia – fatores associados ao problema da violência entre jovens torcedores de futebol, no contexto brasileiro. Para tanto, será apresentado um recorte teórico do estudo de doutorado que vem sendo realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulado “A violência entre jovens torcedores de futebol: uma análise psicossocial”. Por meio desse estudo, que conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq — Brasil), defendemos a posição de que pesquisa acadêmica deve assumir um papel de maior preponderância na formulação de políticas públicas de prevenção à violência entre torcedores de futebol.

Palavras-chave: Políticas públicas; violência; juventude; futebol

ABSTRACT

This paper aims to discuss - from the perspective psychology - factors associated with the problem of violence among young soccer fans in the Brazilian context. To this end, we present a theoretical approach from the doctoral study being done by the Post Graduate Program in Psychology at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), entitled "Violence among young soccer fans: a psychosocial analysis". Through this study, which has the support of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq - Brazil), we argue that academic research should assume a greater prominence in the formulation of public policies to prevent violence between soccer fans.

Keywords: Public policies; violence; youth; soccer

RESUMEN

Este artículo se propone discutir - desde la perspectiva de la psicología - factores asociados con el problema de la violencia entre los aficionados al fútbol de jóvenes en el contexto brasileño. Con este fin,

¹ O projeto de pesquisa que dá origem a esse trabalho conta com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq — Brasil), por meio de concessão de bolsa integral de Doutorado, através do Programa de Expansão da Pós Graduação em Áreas Estratégicas (PGAEST), Edital MCT/CNPq N° 70/2009.



se presenta una aproximación teórica a los estudios de doctorado que está realizando el Programa de Posgrado en Psicología de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS), titulado "La violencia entre los jóvenes aficionados al fútbol: un análisis psicosocial". A través de este estudio, que cuenta con el apoyo del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq - Brasil), hemos argumentado que la investigación académica debe asumir un mayor protagonismo en la formulación de políticas públicas para prevenir la violencia entre los partidarios de fútbol.

Palabras clave: Políticas públicas; violencia; juventud; fútbol

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Estatisticamente, em nível mundial, os jovens têm sido apontados como o grupo social mais afetado pela violência. No contexto brasileiro, não apenas as vítimas de ações violentas são jovens, como também são, geralmente, jovens os maiores responsáveis por atos de violência (CÂMARA, SARRIERA & CARLOTTO, 2007).

No que tange à problemática da violência relacionada especificamente aos torcedores de futebol² no Brasil – reconhecido internacionalmente como “**o país do futebol**” – evidencia-se, a cada ano, episódios de enfrentamento violento que tem tomado proporções cada vez mais graves e alarmantes. Apesar da meritória criação do Estatuto do Torcedor, no ano de 2003, e da Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espetáculos Esportivos, no ano seguinte, com o objetivo de proteger a integridade física e assegurar os direitos dos cidadãos que se dirigem a um estádio ou ginásio para prestigiar um evento esportivo, os resultados – em termos práticos – são, ainda, insatisfatório (REIS, 2003).

No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, a espiral de violência protagonizada – em sua ampla maioria – por torcedores jovens, não mais se restringe às arquibancadas dos estádios durante o transcorrer das partidas de futebol: os atos de violência têm *manchado* também o entorno das praças desportivas (antes e depois da realização dos jogos), as rotas e trajetos de deslocamento de torcedores, os meios de transporte coletivos que conduzem os torcedores aos estádios (ônibus e trem), isso sem mencionar os estabelecimentos públicos (bares e restaurantes) nos quais habitualmente espectadores se reúnem para assistir a transmissão de partidas, via televisão.

Dados da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio Grande do Sul e da Brigada Militar dão conta ainda da ocorrência de enfrentamentos violentos entre torcedores rivais no interior ou em frente a escolas, Shoppings Center, praças e parques de lazer. Tais confrontos se dão inclusive em dias em que não ocorrem jogos de futebol, contando com *agendamento prévio*: dia, horário e local marcados através de sites de relacionamento, normalmente o Orkut (ERMEL, 2007). Essa *tendência de banalização da violência* tem sido destacada por estudos recentes realizados no Brasil, como uma disposição cultural em se considerar fenômenos de violência explícita como sendo acontecimentos – além de frequentes – “naturais”, “corriqueiros”, “comuns”. Assim, destitui-se da violência um caráter de excepcionalidade, conferindo-lhe um status de “marca do cotidiano” (GUIMARÃES & CAMPOS, 2007, p.189).

² No âmbito deste trabalho, usaremos a definição de *torcedores de futebol* proposta por Reis (2003, p.85) como sendo “*aqueles espectadores de futebol que, além de usufruírem do espetáculo, tomam partido em favor de uma das equipes, incentivando seu sucesso*”.



Em pesquisa que buscou avaliar a prática de enfrentamentos violentos em uma amostra de 389 jovens estudantes de ensino médio de Porto Alegre – RS (CÂMARA, SARRIERA & CARLOTTO, 2007), verificou-se que, dentre os tipos de enfrentamento citados pelos jovens, 24,5% referiam-se a confrontos com torcedores do time de futebol rival, constituindo-se na terceira principal causa de enfrentamentos.

Frente a esse panorama e visando contribuir efetivamente para a formulação de políticas públicas voltadas à prevenção da violência entre torcedores de futebol no Estado do Rio Grande do Sul, foi delineado um estudo, em nível de doutorado acadêmico (do qual se deriva esse trabalho) com o objetivo de investigar fatores que predispõem um número crescente de jovens a cometer atos violentos tais como brigas, agressões, ofensas, vandalismos e outros distúrbios motivados, *presumidamente*, pelo futebol. Lançando mão de metodologia mista (*quanti-quali*) e triangulação de métodos de pesquisa, buscaremos identificar variáveis psicossociais relacionadas aos comportamentos violentos em 650 sujeitos do sexo masculino, com idade entre 15 e 25 anos e residentes na região metropolitana de Porto Alegre. Nesse trabalho iremos partilhar alguns aspectos teóricos, a nosso ver imprescindíveis à compreensão da problemática em questão.

MAS AFINAL, POR QUE OS JOVENS SÃO VIOLENTOS?

Tal como afirma Garbarino (2009, p.534), quando se trata de responder a recorrente questão “Por que os jovens são violentos”, raramente ou nunca existe uma relação de causa-efeito simples, que funcione da mesma forma com todas as pessoas em qualquer situação: nesses casos “*a complexidade é a regra e não a exceção*”. Em vista disso, entendemos que para investigar as diferentes nuances dessa *complexa relação* entre juventude e violência, torna-se necessária a adoção de uma perspectiva de desenvolvimento humano que nos permita abarcar um conjunto de sistemas biológicos, psicológicos sociais, culturais e/ou econômicos presentes na vida dos jovens torcedores.

A abordagem bioecológica do desenvolvimento humano, conforme postulada por Urie Bronfenbrenner (1996) concebe o ser humano como indissoluvelmente unido a seu meio, formando uma ‘unidade em funcionamento’. Ambos – sujeito e meio – possuem a capacidade de modificar-se mutuamente a partir das interações recíprocas estabelecidas entre eles. Por essas características, consideramos que a leitura separada de sujeito e seu meio produz uma fragmentação da realidade, descontextualizando o indivíduo de seu ambiente, e podendo levar a uma visão apenas parcial do fenômeno em estudo.

Ao procedermos a uma revisão minuciosa na literatura, no intuito específico de capturar fatores associados à violência entre torcedores de futebol, percebe-se que, há o predomínio entre os autores (ADÁM, 1998; FERNÁNDEZ, 2007; GONZÁLEZ, 1996; MURRAD, 2010; REIS, 2003) que defendem a noção de *sistema de influências recíprocas*, em detrimento de noções de causa-efeito. Nesse sistema, são associados à violência desde fatores relacionados à esfera macro-social (como problemas sociais e econômicos, culturais e da estrutura da modalidade futebol como um todo), até a esfera individual (uso de drogas, distúrbios emocionais como controle inadequado da raiva e ansiedade, frustrações, entre outros).

Entendemos assim que o modelo bioecológico de Bronfenbrenner mostra-se útil à análise dos múltiplos fatores implicados nas situações de violência envolvendo jovens torcedores de futebol, uma vez



que, por privilegiar a análise em um contexto específico, nos permite delimitar sem, no entanto perder de vista os demais aspectos presentes no ambiente ecológico concreto.

Como bem afirma Garbarino (2009), problemas com múltiplas fontes e causas requerem um modelo capaz de abarcar a complexidade, refutando respostas simples e imediatas. Também na visão de Sarriera (2008), a adoção do paradigma ecológico possibilita uma visão mais holística da realidade, na medida em que permite avaliar a multiplicidade de relações que ocorre nos diferentes contextos vitais (família, escola, grupos de amigos, comunidade, etc.).

Ao analisar a violência, sob o ponto de vista do desenvolvimento, Dunning e Ellias (1992) asseguram que todos os esportes ditos “competitivos” produzem um despertar da agressão e da violência, na medida em que se constituem em espaços que permitem a expressão ritualizada e socialmente aceita da violência física. No contexto do futebol, a violência muitas vezes se manifesta como resultado de frustrações, uma vez que – alguns tipos de pessoas – ao experimentarem uma experiência frustrante (como, por exemplo, a derrota de seu time, sentimento de ter sido prejudicado pela arbitragem, xingamentos emitidos pela torcida adversária) tendem a gerar uma resposta agressiva. Além disso, muitos indivíduos levam vários tipos de frustrações internalizadas em si para os estádios (problemas no ambiente familiar, escolar, no trabalho, etc.) e acabam por extravasar seus sentimentos de raiva no local do espetáculo, ou em suas adjacências.

Fatores situacionais que, associados aos sentimentos de raiva, podem servir como elementos potencializadores da violência são citados por Minayo (1994), dentre os quais o uso de drogas, álcool, porte de arma e a participação em subgrupos sociais, como por exemplo, as torcidas organizadas.

DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA ENTRE TORCEDORES DE FUTEBOL NO BRASIL

Para o sociólogo Maurício Murad (2009) *“Cresceu a violência no futebol porque cresceu a violência no país”*. Esta foi uma das principais constatações do estudo sobre violência entre torcedores de futebol, realizado por ele e um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tomando como base dados fornecidos por jornais, revistas e rádios das principais cidades do país entre 1999 e 2008. Os dados levantados retratam uma “conquista trágica e perversa” para o cenário do futebol brasileiro: o Brasil – cinco vezes campeão mundial de futebol e eleito sede da Copa de 2014, é o país que registrou mais incidentes fatais entre torcedores em jogos de futebol nos últimos dez anos, contabilizando um total de 42 mortes.

Segundo Murad (2009), quando foi iniciado o levantamento – no ano 1999 – o Brasil ocupava o terceiro lugar na comparação com outros países no número de óbitos (atrás da Itália e Argentina). Transcorridos cerca de 10 anos, o Brasil conquistou o primeiro lugar³, fato que – na opinião dos pesquisadores – deve ser encarado com grande preocupação pelas autoridades da segurança pública e, de um modo geral, por uma nação que se prepara para sediar o Mundial de 2014. Quanto ao perfil da maior parcela de vítimas fatais da violência entre torcedores, a pesquisa aponta para jovens do sexo masculino, entre 14 e 25 anos, de classe baixa ou média baixa, com escolaridade até o ensino fundamental e, em geral, desempregado. Constatou-se ainda que, em grande parte, esses torcedores não eram ligados a

³ Segundo Murad (2009), ao contrário da Itália, país que promoveu uma reforma na legislação para punir exemplarmente dirigentes ou torcedores por estimularem a violência, o Brasil ainda não adotou medidas efetivas, o que, de certa forma – segundo o pesquisador – explica o crescimento da violência relacionada ao futebol no Brasil.



práticas de violência. *"Em quase 80% dos óbitos, as pessoas não tinham nenhuma ligação com setores violentos ou delinquentes de torcidas organizadas. Apenas em 20% é que os óbitos eram de pessoas ligadas a grupos de vândalos"*, afirmou Murad.

Dados de outro estudo realizado no Brasil (Pimenta, 1997) e de pesquisa realizada na Espanha (ESPANHA, 1990) convergem para a constatação de que os episódios de violência relacionados a torcedores de futebol são fenômenos tipicamente *juvenil e masculino*. Muitos destes jovens vislumbram o espaço e o contexto dos jogos de futebol como um ambiente propício para se extravasar suas emoções.

Em uma análise sobre os fatores geradores da violência entre *hooligans* ingleses, realizada na longínqua década de 60 por Arthur Hopcraft (referido por OLIVARES, 2008) evidenciou-se os seguintes fatores: as brigas entre jogadores que desencadeiam confrontos entre espectadores; o gosto dos fanáticos por brigar e destruir; a distribuição espacial dos estádios; o ressentimento social dos torcedores. Com relação ao último fator listado, o autor afirma que a violência no futebol é um veículo para que adolescentes desafoguem as pressões próprias de sua idade, como a dependência familiar e o iminente risco de chegar à idade adulta, que para eles é algo *"pior que uma condenação"* (p. 51).

Diante dos impactos e da magnitude do problema, os atos de violência relacionados à esfera futebolística não mais se configuram numa questão exclusiva da esfera esportiva e/ou da segurança pública, mas numa *questão de saúde pública*, haja vista o aumento alarmante dos índices de mortes e traumas ocorridos por causa violenta.

A despeito do clamor popular por mais segurança, repressão e punição aos culpados a cada novo episódio de enfrentamento violento em estádios de futebol, que ganha ampla repercussão por parte da mídia, torna-se imprescindível a compreensão dos complexos mecanismos que tem tornado o futebol um verdadeiro estopim para a violência – principalmente entre os jovens, isso porque *"na sua maioria, os eventos violentos não são acidentais tampouco fatalidades ou mesmo uma questão de presença ou ausência de sorte: eles podem ser enfrentados e prevenidos e precisam de uma intervenção lógica para que sejam efetivamente evitados"* (DOMENACH, 1981, p.36).

Ao introduzir o debate acerca das manifestações de violência que envolve, de modo específico, jovens torcedores de futebol, torna-se importante atentarmos para o fato de que, dentre inúmeras modalidades de esporte existentes, o futebol tem sido hegemonicamente considerado por especialistas como o esporte mais popular e de maior sucesso do planeta. Por ser uma espécie de *"representação da vida social"*, o futebol transcende a condição de uma modalidade de esporte profissional de alto rendimento e é alçado à condição de uma verdadeira *"metáfora para a vida"* (MURRAD, 2007, p. 16).

Além de propiciar a seus espectadores um elevado grau de tensão e expectativa com o desenrolar das ações dos jogadores e equipes, sendo considerado uma das principais fontes de entusiasmo e paixão das sociedades atuais (DUNNING, 1992), o futebol é também um elemento formador da identidade nacional de alguns países, como é o caso do Brasil, em que o futebol auxiliou a consolidar um sentido de nação (Reis, 2005).

Já em 1980, o sociólogo Dumazedier (1980), voltado aos estudos relacionados ao lazer, ócio e uso do tempo livre, apontava dentre os principais interesses dos jovens as atividades de lazer físico-esportivas, na qual destacava os esportes como a possibilidade mais conhecida e vivenciada, tanto em termos de sujeitos praticantes quanto espectadores. Neste âmbito, o futebol fora destacado pelo autor como uma das atividades esportivas mais populares e, portanto, capaz de mobilizar, emocionar e causar excitação a uma quantidade expressiva de torcedores que passam a acompanhar seus clubes prediletos em campeonatos de nível regional, estadual, nacional ou mesmo internacional.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Em pesquisa realizada por Sarriera e colaboradores (2007), verificou-se que o uso que o adolescente faz do tempo livre pode gerar conseqüências positivas ou negativas para o seu desenvolvimento integral, podendo tanto incrementar seu desenvolvimento pessoal e aumentar o bem-estar psicológico, quanto torná-lo mais vulnerável a comportamentos de risco.

Considerando-se que o futebol, no contexto cultural brasileiro, é algo mais que um simples esporte, uma vez que é um espetáculo de massas ao qual se agregam outros componentes que pouco ou nada tem a ver com o desenrolar da prática desportiva em si; o encontro com os amigos, o consumo de bebidas alcoólicas, o ambiente dos estádios (FERNÁNDEZ, 2007), é compreensível que o envolvimento dos jovens com esse esporte possa tanto proporcionar bem-estar e entretenimento, quanto gerar conseqüências negativas para o seu desenvolvimento.

No que diz respeito a aspectos de socialização, autores como Cunha (2003) referem que o hábito atual dos jovens em assistir aos jogos de futebol com grupos de amigos de mesma idade estaria contribuído para o aumento da violência. Isso porque, até meados da década de 60 – tradicionalmente – os jovens costumavam assistir aos jogos acompanhados por pais, irmãos e familiares mais velhos ou por diferentes grupos etários de sua vizinhança e, assim, seu comportamento permanecia sujeito a um controle – uma espécie de mecanismo auto-regulador dos jovens (CUNHA, 2003).

Sendo o futebol uma das formas prioritárias de lazer e ocupação de tempo livre por jovens brasileiros, pode-se inferir que o envolvimento com esta atividade (seja como praticante ou espectador) possa tanto proporcionar bem-estar e entretenimento, quanto também gerar conseqüências negativas para o seu desenvolvimento integral (como violência, delinquência e uso de drogas, por exemplo). Nesse sentido, a investigação tanto dos fatores de risco quanto dos fatores de proteção associados aos atos de violência praticados por jovens torcedores de futebol tornam-se, a nosso ver, imprescindíveis no sentido de subsidiar a formulação de intervenções voltadas à prevenção da violência, bem como a proteção e promoção da saúde dessa camada específica da população.

IDENTIDADE SOCIAL E RIVALIDADE ENTRE TORCEDORES

Segundo Damo (2002), um dos aspectos triviais da opção em torcer por determinado time de futebol – observadas, logicamente, a importância e o significado particular assumido pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor – refere-se ao fato de que, uma vez realizada, não é passível de alteração. Sendo assim, o ato de torcer por um clube de futebol torna-se sinônimo de *“pertencer, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos”*, vivenciando um misto de emoções que vão desde agradáveis excitações até o mais forte sentimento de frustração (p.12). Para esse autor, o desafio reside em captar, sob o ponto de vista dos torcedores, os aspectos simbólicos que *transcendem o jogo*, como – no caso desse estudo, em particular – se configuram os atos de violência.

A chamada teoria da identidade social, conforme postulada por Henri Tajfel (1984) conceitua identidade social como sendo (...) *“aquela parcela do auto-conceito de um indivíduo que deriva do seu conhecimento, da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, junto com o significado emocional e de valor associado àquela pertença”* (p.292). Nota-se, portanto, que o autor define identidade social na interface com as relações grupais, uma vez que, na perspectiva desse teórico nenhum grupo vive ilhado e, sendo assim, *“os aspectos positivos da identidade social só adquirem verdadeiramente significado com relação a, ou em comparação com outros grupos”* (Idem, p. 293). Acerca do processo de comparação social, há a tendência dos indivíduos atribuírem valoração positiva ao *in group* e valoração negativa ao



out group. Cada indivíduo possui, portanto, tantas identidades sociais e pessoais quantos são os grupos aos quais pertencem. As identidades mudam assim, em resposta às mudanças contextuais, do mesmo modo que a forma como os membros de um grupo se auto-definem depende, invariavelmente, da comparação com outros grupos.

As comparações sociais individuais e grupais são, portanto, fundamentais para a definição de si próprios, de sua pertença a um grupo e da sua influência social, muito embora ao citar artigo publicado por Taylor & Brown, em 1979, Tajfel (1984) já alertasse para o fato de que o enfoque individualista e o enfoque grupal da psicologia social ainda não estavam totalmente claros.

A identificação de torcedores com equipes esportivas – dentre elas o futebol – caracteriza-se num contexto específico no qual ocorre o fenômeno de identificação grupal. Trata-se de um contexto no qual os conflitos intergrupais ocorrem de modo natural e onde as pessoas dão vazão a uma grande variedade de comportamentos que se situam em um pólo intergrupar, em oposição ao interpessoal (WACHELKE, 2008).

Ao analisar o perfil dos *hooligans* britânicos, Dunning (1992) identificou que a definição da identidade social dos jovens pertencentes a esses grupos apresentavam um forte vínculo com seus bairros de origem, onde a identidade social era definida a partir da rígida separação entre nós (quem é do grupo) e eles (quem não é). O problema reside no fato de que essa separação, invariavelmente, se transforma em “eles” ou “nós”, ou seja, o primeiro passo para a desumanização do outro e para que o outro se transforme em inimigo, cuja convivência torna-se impossível.

Assim, parafraseando a célebre frase de Bill Shankly⁴, não seria exagerado admitir que no Estado do Rio Grande do Sul “*o futebol não é uma questão de vida ou de morte. É muito mais importante que isso...*”. Tendo sido um esporte alicerçado sob exacerbados valores de masculinidade, virilidade, força e sobrepujança (Reis, 2006) essa modalidade parece ter encontrado – na sociedade gaúcha – de origem patriarcal e com valores predominantemente machistas, terreno fértil e próspero para a solidificação de tamanha rivalidade.

A suposta existência de uma simbiose entre futebol, violência e masculinidade exacerbada tem sido alvo de debate de estudiosos da sociologia e antropologia do futebol ao longo dos tempos. Entretanto, entendemos que o problema da violência envolvendo torcedores de futebol mostra-se bem mais ampla e complexa, envolvendo elementos relacionados tanto com a formação do indivíduo, quanto com seu entorno social. Outros fatores como a sensação de poder e segurança gerada pelo grande número de pessoas reunidas com um mesmo objetivo – torcer pelo mesmo time, por exemplo – aliada ao efeito das drogas lícitas e ilícitas que são normalmente consumidas antes e durante a realização dos jogos são, sob o ponto de vista psicológico, práticas que contribuem para o aumento das adesões às manifestações não-cotidianas, em especial as violentas (REIS, 2005).

PESQUISAR É PRECISO! PREVENIR É POSSÍVEL?

⁴ Willian Shankly, mais conhecido como Bill Shankly, foi um dos principais treinadores da história do futebol inglês, tendo treinado a equipe do Liverpool durante quinze temporadas. De origem escocesa, foi reconhecido como grande frasista e apaixonado pelo futebol, tendo declarado a célebre frase durante sua carreira.



Estudos realizados na Inglaterra (DURAN GONZÁLES, 1996.) produziram relevantes contribuições sobre medidas de prevenção e enfrentamento ao *hooliganismo*⁵. A partir de tais estudos conclui-se que a utilização praticamente exclusiva de iniciativas policiais e de controle (até então adotadas) sobre os jovens violentos vinham tendo o mesmo efeito que as instituições penitenciárias sobre os internos, ou seja: pouco efeito reabilitador. Do mesmo modo, identificou-se que as multas econômicas que eram impostas a estes jovens os levavam a cometer novos delitos (roubos e furtos) para fazer frente às multas, formando-se um novo ciclo de violência.

As pesquisas realizadas no Brasil acerca da violência protagonizada por torcedores de futebol, de um modo geral, têm lançado seu olhar majoritariamente para as chamadas “torcidas organizadas”. As torcidas organizadas, segundo Brandão (1996) são *agrupamentos sociais*, compostos em sua maioria por jovens identificados e apaixonados por uma agremiação de futebol específica. Esses grupos costumam ser associados, na atualidade, a gangues juvenis cujas características centrais seriam a transgressão e agressividade deliberada. Assim, esses grupos tem sido fatalmente culpabilizados como promotores do vandalismo e disseminadores da violência que permeia os estádios de futebol e seus arredores, principalmente em decorrência de imagens e interpretações veiculadas pela mídia. Alguns estudos recentes tem buscado compreender a dinâmica desses grupos de jovens torcedores (ASSIS, 2008; CUNHA, 2006; HRYNIWICZ, 2008; PIMENTA, 2000). Frente a esse panorama, a cada novo *espetáculo* de violência veiculado pela mídia, insurge-se o clamor popular pela extinção das torcidas organizadas, como medida para frear a violência nos estádios.

Entretanto, os resultados de recente pesquisa coordenada por Reis⁶ (2009) com 813 integrantes das três maiores torcidas organizadas do Estado de São Paulo, contrariam o estigma de que tais torcedores não passam de *vagabundos* que se associam para o crime. Ao traçar o perfil desses torcedores, constatou-se que, em sua maioria, esses jovens trabalhavam (a média de desemprego nas torcidas é de 2,8%, em comparação com os 8,1% da média brasileira), moravam com os pais (86,8%) e possuíam um significativo grau de instrução (80,8% possuem de 10 a 12 anos de escolaridade). Como conclusão do estudo, Reis apresenta contundente argumentação justificando sua oposição a esse verdadeiro processo de *demonização* das torcidas organizadas, ao referir que tal posicionamento trata-se de um tremendo equívoco, gerado historicamente no Brasil, que se baseia – segundo ela – no desconhecimento do problema da violência em dias de jogos e/ou em averiguações superficiais. Além disso, considera que esse tipo de acusação trata-se de subterfúgio para não debater, não compreender o problema, e, conseqüentemente, não resolvê-lo, uma vez que os países que se propuseram a enfrentar seriamente o problema, recorreram aos estudos acadêmicos como subsidio para a implementação de políticas públicas. Por isso – na perspectiva da pesquisadora – pregar a extinção das torcidas organizadas como forma de estancar a violência equivaleria a defender o fim do senado nacional para acabar com a corrupção.

⁵ O termo *Hooliganismo* se refere à denominação atribuída ao comportamento destrutivo e desregrado apresentado pelos chamados *Hooligans* – grupos de torcedores que surgiu tradicionalmente na Inglaterra, por volta da década de 60, expalhando-se pela Europa (Rússia, Polónia, Alemanha e Croácia). Esses grupos se caracterizam pelo prazer que sentem em brigar, usando o futebol como o evento alvo para isso (Duran Gonzáles, 1996).

⁶ A pesquisa foi realizada por uma equipe de pesquisadores da UNICAMP e contou com financiamento do CNPq. Foi realizado um diagnóstico sobre o torcedor organizado do estado de São Paulo quanto a classe social, nível de instrução, ocupação, estado civil, organização familiar; entre outros dados.



Compactuando de opinião semelhante, para além de um caráter moral que busque encontrar culpados, entendemos ser necessário voltar-se à identificação e análise dos múltiplos aspectos implicados nesse problema, buscando diagnosticá-lo corretamente, e não apenas atacando alguns de seus sintomas.

Aliando-se a este panorama o fato de que o Brasil se prepara para sediar a Copa do Mundo de 2014, torna-se – a nosso ver – ainda mais urgente e necessária a elaboração de políticas públicas voltadas à prevenção da violência nos espetáculos de futebol. E, neste sentido, entendemos que a pesquisa científica surge como um componente fundamental e indispensável para proposição de medidas que efetivamente possam fazer frente ao complexo problema da violência entre torcedores de futebol no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

ADÁN, T. Ultras e hinchas: política y violencia en el fútbol en España. In: *Política y violencia en el fútbol*. Madrid, Consejo Superior de Deportes, 1998.

ASSIS, T. C. F. *A Representação social da violência em torcidas organizadas de futebol*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

BRANDÃO, I. L. *São Paulo Futebol Clube: Saga de um campeão*. São Paulo: DBA, 1996.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996

CÂMARA, S. G.; SARRIERA, J. C.; CARLOTTO, M. S. Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares. *Estud. psicol.* Natal, v. 12, n.3, p. 213-219, 2007.

CUNHA, F. A. *Origem, evolução e composição das torcidas*. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br/index.htm.artigos>>. Acesso em: 10 mar. 2010, 2003.

_____. *Torcidas no futebol: Espetáculo ou vandalismo?* São Paulo: Scortecci, 2006.

DAMO, A. S. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DOMENACH, J. M. La violencia. Em A. Joxe (org.), *La violencia y sus causas*. Paris: Unesco, pp. 33-46, 1981.

DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer* (R. M. Vieira, Trad.). São Paulo: SESC, 1980.



DUNNING, E., MURPHY, P. & WILLIAMS, J. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: N. ELIAS & E. DUNNING. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, pp. 355-388, 1992.

DURAN GONZÁLEZ, J. *El vandalismo en el fútbol. Una reflexión sobre la violencia en la sociedad moderna*. Madrid, Gymnos, 1996.

ELIAS, N. & DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Fondo de cultura económica: México, 1992.

ERMEL, M. Rivalidade Gre-Nal: desculpa para matar. *Zero Hora* Porto Alegre, p. 50-51. 27 maio 2007.

ESPAÑA SENADO. *Dictamen de la Comisión Especial de Investigación de la Violencia en los espectáculos deportivos con especial referencia al fútbol*. Madri: [s.n.], 1990.

FERNÁNDEZ, C. S. Nuevas claves para el estudio de la violencia em torno al deporte. *Revista Wanceulen E. F. Digital*. (3) Mayo, pp. 2-15, 2007. Disponível em: http://www.wanceulen.com/revista/PDF/n3/Nuevas_claves_estudio_violencia.pdf. Acesso em: 24 abril 2010.

GARBARINO, J. Why are adolescents violent? *Ciênc. saúde coletiva*, v. 14, n.2, p. 533-538, 2009.

GUIMARÃES, S. P. & CAMPOS, P. H. F. Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 20, n.2, p. 188-196, 2007.

HRYNIWICZ, R. R. *Torcida de futebol: adesão, alienação e violência*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia Escolar, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MINAYO, M. C. S. Social Violence from a Public Health Perspective. *Cad. Saúde Públ.*, v.10 (supplement 1), p. 07-18, 1994.

MURRAD, M. *Brasil lidera mortes de torcedores no futebol nos últimos 10 anos*, 2009. Disponível em: <http://www.copa2014.org.br/noticias/776/brasil+lidera+mortes+de+torcedores+no+futebol+nos+ultimos+10+anos.html>. Acesso em: 12 jan. 2010.

_____. *A violencia e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

OLIVARES, M. O. Fútbol, barras y violencia. In: L. Cantarero, F. Xavier Medina, R. Sánchez. *Actualidad en el deporte: Investigación y aplicación*. Argentina: Revista Digital, p. 51-65, 2008.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. *Revista São Paulo em Perspectiva*, SEADE, v. 14, n. 2, 2000.



PIMENTA, C. A. M. *Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação- aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal, 1997.

REIS, H. H. B. *As torcidas organizadas não são as (únicas) culpadas*. Entrevista concedida a revista Galileu, 2009. Disponível em:
<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI111936-17774,00>. Acesso em: 23 jun. 2010.

_____. Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. Em J. Daolio (org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, p. 79-96, 2005.

_____. Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, v.17, n.2, p. 85-92, 2003.

SARRIERA, J. C. El paradigma ecológico em la psicología comunitaria: del contexto a la complejidad. In: E. SAFORCADA, J. C. SARRIERA, (org.). *Enfoques conceptuales y técnicos en psicología comunitaria*. 1 ed. Buenos Aires: Paidós, p. 27-48, 2008.

SARRIERA, J. C. et al. *Significado do tempo livre para adolescentes de classe popular*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.27, n.4, p.718-729, 2007.

TAJFEL, H. *Grupos humanos y categorías sociales*. Barcelona: Editora Herder, 1984.

WACHELKE, J. F. R, et al. Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. *Arq. bras. psicol.*, 60(1), p.96-111, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672008000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2010.

Anelise Lopes Rodrigues
Doutoranda em Psicologia UFRGS; Bolsista CNPq - Brasil
Email: aneliselr@hotmail.com

Jorge Castellá Sarriera
Doutor em Psicologia; Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da UFRGS
Email: sarriera@terra.com.br

Endereço Institucional: Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Bairro Santa Cecília – Porto Alegre/RS – Brasil – CEP: 90035-003

Recurso Tecnológico: Data Show Projetor